



Atenção às vivências acadêmicas: Um estudo bibliográfico sobre evasão no ensino superior

*Attention to academic experiences:
A bibliographic study on dropout in higher education*

*Atención a las experiencias académicas:
Un estudio bibliográfico sobre la deserción en la educación superior*

André Heloy Avila¹

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus XVIII*)

Artur Estelita Santos²

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus XVIII*)

Thamisa Azevedo Schkrab³

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus XVIII*)

RESUMO

A vivência acadêmica no ensino superior tem levado a considerável evasão, trazendo prejuízos diversos para as pessoas que não concluem, instituições, a sociedade e a economia de nosso país. A evasão é mais estudada, no país, desde 1995, ainda assim é necessário compreender e atualizar a investigação do que leva ao abandono do ensino superior. Buscamos entender a evasão para, futuramente, elaborar instrumentos que nos permitam investigar as vivências acadêmicas e reunir conhecimentos que incentivem caminhos acolhedores para os discentes. A abordagem desta pesquisa bibliográfica investigativa colocou em pauta informações e dados acerca da permanência e da evasão, presentes na literatura e fontes documentais. Os resultados mostram a complexidade que envolve a vivência acadêmica e a evasão. Além do que, permitiram iniciar a elaboração de projeto de pesquisa da realidade específica de um 'pequeno' *Campus* universitário e notar a importância do acolhimento e do diálogo para a vivência discente.

Palavras-chave: Ensino Superior; Evasão; Vivência Acadêmica; UNEB.

ABSTRACT

The academic experience in higher education has led to considerable evasion, bringing various losses to those who do not complete their education, the institutions, the society and our country's economy. Evasion has been further studied in the country since 1995, yet it is still necessary to understand and update research about the reasons of university education dropout. We search to understand the evasion and develop instruments that allow us to

¹Doutorado em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Mestrado em Psicologia - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Graduação Plena em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e egresso do sistema público de educação - Escola Estadual de 1º e 2º Graus 'Cardoso de Almeida'. Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no *Campus XVIII*, desde 2002. <https://orcid.org/0000-0002-0287-83507> Endereço eletrônico: aheloy@uneb.br.

²Graduando no curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literatura da Universidade do Estado da Bahia/*Campus XVIII* (UNEB). <https://orcid.org/0000-0002-9507-439X> Endereço eletrônico: arturestelita8@gmail.com.

³Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literatura da Universidade do Estado da Bahia/*Campus XVIII* (UNEB). <https://orcid.org/0000-0003-3411-9467> Endereço eletrônico: thamisaazevedo18@gmail.com

investigate academic experiences and gather knowledge to identify options to support students. This investigative bibliographic research summarizes information and data about permanence and evasion, available in literature and documentary sources. The results show the complexity that involves academic experience and evasion. In addition, it allowed the elaboration of a research project to the specific reality of a 'small' university *Campus* and acknowledge the importance of welcoming and dialog to student experience.

Keywords: Higher Education; Dropout; UNEB Academic Experience.

RESUMEN

La educación superior ha sufrido una deserción considerable, trayendo diversas pérdidas a las personas, instituciones, sociedad y la economía del país. La deserción es más estudiada, en el país, desde 1995, sin embargo, es necesario comprender y actualizar la investigación de lo que conduce al abandono de la educación superior. Buscamos comprender la deserción y desarrollar instrumentos que nos permitan indagar en experiencias académicas y acumular conocimientos que fomenten caminos acogedores para los estudiantes. El enfoque de esta investigación bibliográfica ha puesto en agenda informaciones y datos sobre permanencia y evasión, presentes en la literatura y fuentes documentales. Los resultados muestran la complejidad que implica la experiencia académica y la deserción. Además, permitieron iniciar la elaboración de un proyecto de investigación de la realidad específica de un *Campus* universitario y señalar la importancia de la acogida y el diálogo para la experiencia del estudiante.

Palabras clave: Educación Superior; Deserción de la Universidad; Experiencia Académica en la UNEB.

Introdução

O fenômeno da evasão no ensino superior é um possível resultado da complexidade dos processos de vivência acadêmica singular, que começaram anos antes do ingresso no ensino superior. Estar na faculdade não exige só condições econômicas, culturais, métodos de estudo etc., envolve tanto possibilidades objetivas de existência quanto subjetivas de produção de significados, sentidos e ações para realizar a formação superior.

As políticas afirmativas de inclusão que a Universidade do Estado da Bahia e suas práticas efetivas em prol da permanência (como residência estudantil; bolsas de assistência estudantil; NAPE ; projetos de pesquisa e de extensão etc.) são essenciais, necessárias, e já têm contribuído tanto com recursos para lidar com situações objetivas (moradia, por exemplo), quanto propõe olhar para a integração à comunidade acadêmica, orientando sobre o funcionamento da Universidade, dos *Campi*, dos Cursos, e promovendo momentos de socialização, como os que acontecem durante a chamada Semana de Acolhimento (Resolução CONSEPE N° 2.169/2022, Anexo Único, UNEB, 2022). Ou seja, as relações interpessoais entre os estudantes e entre estes e os profissionais da comunidade acadêmica (sejam relações face a face ou mediadas eletronicamente) se mostram compreendidas em sua importância, no que se



refere a sua importância entre outros aspectos dos processos que realizam as vivências acadêmicas singulares.

Buscamos informações, dados e interpretações sobre os processos de vivência acadêmica e os de evasão. Simultaneamente nos apropriamos de conhecimentos sobre estratégias de investigação e estratégias em prol da continuidade da formação superior. Assim, traremos muitas das possíveis causas da evasão e dos contextos que as produziram/produzem. Contudo, o faremos desde uma perspectiva clara: condições ditas objetivas, por exemplo, limitações econômicas, são entendidas como algo da sociedade, do governo, da instituição e não só da pessoa que não pode pagar o ônibus para a faculdade.

Entendemos que a vivência acadêmica é processada em significados e práticas pelos sujeitos, que guiam suas ações, a partir daí; quando se trata do vivido, seja este chamado de objetivo ou de subjetivo, tudo que afeta um(a) estudante é interpretado pelo sujeito a partir do repertório e do ponto de vista localizado e datado de que este sujeito dispõe, seja uma escolha consciente ou não, por esta ou aquela forma de olhar a situação. Sendo que os processos de significação se constituem mediados em diálogo com o Outro e mediados semioticamente, ou seja, as pessoas, os bens culturais e materiais a que cada um teve/tem acesso – a Humanidade que os criou e nomeou – participam da vivência acadêmica singular, datada e localizada (VYGOSTKY, 1989).

Assim, trazer informações, dados e interpretações para propor colocar em pauta a constituição de vivências acadêmicas que promovam ainda mais a permanência e a qualidade da formação, requer diálogo com a literatura, com números e estatísticas e, principalmente, exige diálogo aberto e franco entre os membros da comunidade acadêmica, em especial, entre discentes e docentes.

Enfim, o objetivo é possibilitar a profissionais e discentes mais uma alternativa na busca por acolher ainda mais e melhor alunos e alunas, inclusive, ouvir as dificuldades que enfrentam, antes e durante a formação acadêmica, antes e durante a pandemia e, agora, quando reabrimos as salas de aulas. Dificuldades que podem ser de ordem econômica; vocacional; interpessoal etc., enfim, seja o que se apresente como dificuldade à vivência acadêmica de cada um/a, isto pode ser acompanhado por uma rede de apoio. Rede esta que vai além da família e amigos, e incorpora os pares da universidade e pode contar com o apoio institucional, inclusive em casos

mais específicos. O que propomos é que a semana de acolhimento seja seguida, no futuro, por mentorias de cada curso, que ficarão disponíveis ao alunado, desde o ingresso até a conclusão ou interrupção dos estudos. Profissionais, veteranos e até mesmo egressos de cada curso podem constituir grupos para oferecer este acompanhamento a quem desejar.

O estudo bibliográfico explicitou mais uma vez o valor do acolhimento e acompanhamento das pessoas-estudantes, pelas pessoas que fazem a comunidade acadêmica e pelas pessoas que fazem parte da vida dos/as estudantes. Da mesma forma, deixou claro que toda nossa sociedade, que fatores econômicos e políticos, participam do que cada comunidade acadêmica vive. Partir de estudos sobre evasão do ensino superior mostrou-se necessário na medida que este fenômeno toma proporções que acompanham o aumento na oferta de vagas, nas Instituições de Ensino Superior, sejam privadas ou públicas, presenciais ou à distância, dentro e fora de nosso país. Por exemplo, segundo o Censo da Educação Superior de 2020, que inclui IES públicas e privadas, no cenário nacional, a evasão/desistência chegou a 60%, segundo uma metodologia longitudinal e que desconsidera a migração de curso ou instituição.

Dos ingressantes de 2011, 40% concluíram seu curso de ingresso ao final de 10 anos de acompanhamento de sua trajetória. [...] Nas categorias administrativas, a rede estadual apresentou os melhores índices de conclusão dos ingressantes de 2011 durante sua trajetória no seu curso de ingresso. Como consequência, apresentou, também, as menores taxas de desistência no período (BRASIL, Notas Estatísticas, 2022, p. 35).

No Brasil, Oliveira, Guimarães e Santana dizem que “o índice de evasão nas instituições particulares, em cursos presenciais, é de aproximadamente 23%, enquanto na rede pública chega a 24%” (2019, p. 158). Sendo que estes índices seriam mais significativos tomando-se somente os cursos de licenciaturas, (SCHWERZ *et. al.*, 2020), “possivelmente associada ao baixo prestígio social do curso escolhido” (SANTOS BAGGI e LOPES, 2011, p. 361).

No caso das quatro Universidades Públicas da Bahia, “houve uma diminuição da taxa de evasão que passa de 15,72%, em 2012, para 11,71%, em 2014” (BARBOSA; CARNEIRO; e NOVAES, 2018, p. 2457) – isto segundo a forma de cálculo adotada neste estudo. Estes mesmos autores levantaram a “evasão média”, na Universidade do Estado da Bahia, a partir de “coleta de dados realizada pela Secretaria Especial de Avaliação Institucional (SEAVI), nos



anos de 2015 e 2016”, que foi de 12,93%, em 2015, segundo informações referentes aos *Campi* de 23 municípios. Neste caso, a média foi calculada tomando os números “de matriculados e concluintes em 2015 e quantidade matriculados e ingressantes em 2016” (idem, p. 2458).

As taxas de evasão/abandono em aumento são uma tendência apontada pela literatura e preocupa o Ministério da Educação do Brasil, associações de dirigentes e de reitores, instituições públicas e privadas, desde a década de 1990, quando foi criada a Comissão Especial de Estudos sobre Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras, no âmbito da Secretaria de Educação Superior (SESu) do MEC (CESPEDES et al., 2021).

O panorama geral do ensino superior ajudará a contextualizar e interpretar o que observarmos em futura pesquisa de campo, em nossa realidade específica. Para tal, já dispomos de algumas informações obtidas em investigações junto ao alunado (AVILA et. al., 2006; 2018), sobre dados demográficos e escolares e, outra, com egressos (AVILA, 2014), sobre aspectos de suas vidas, estudos, profissões e atuações, no “mundo lá fora”, cujos resultados só reafirmam a importância e o valor do acesso à educação superior, promovida pela interiorização da UNEB. Pois, o alunado deste *Campus*, em específico, era e é majoritariamente composto por quem estudou em escolas públicas e representa a primeira geração da família a chegar à faculdade.

Questionar o fenômeno da evasão junto à literatura e às fontes documentais, dá-se, portanto, no sentido de favorecer a permanência no Ensino Superior deste alunado, como parte inicial do processo de refletir sobre este fenômeno e propor maneiras de intervir em favor da formação superior. Nossos esforços e os da literatura consultada buscaram conhecer aspectos da evasão no ensino superior, sempre tendo interesse em favorecer a permanência e não exatamente em mensurar a evasão.

Nossas motivações e justificativas para este estudo vão ao encontro do compromisso dos e das discentes, pois, pretendemos contribuir com o conhecimento na área, para a conclusão do ensino superior e com a comunidade acadêmica.

1. Breve resumo histórico: estudos sobre evasão no ensino superior.

Em vários países a questão da evasão no ensino superior passou a ser pauta de estudos e preocupações para pesquisadores, docentes, gestores e algumas Instituições (CESPEDES *et al.*, 2021; BARROS, 2015). Pois a maior democratização do acesso e o aumento da oferta de vagas no ensino superior, gerados pela criação de mais Instituições de Ensino Superior, públicas ou privadas e até de novas “modalidades” como o ensino à distância etc., não vêm garantindo a permanência e a conclusão (BRANCO, 2020; SACCARO; FRANÇA e JACINTO, 2019).

No Brasil, desde os anos 1990, o governo e profissionais se preocupam com o fenômeno da evasão, em todos os níveis de formação. A Comissão Especial de Estudos sobre Evasão, desde 1995, estuda, analisa e propõe ações para promover que uma maior parcela de nossa população ingresse e conclua a formação superior, na rede pública. Por seu lado, as empresas de educação superior também se ocupam da questão.

Tendo foco no ingresso-permanência no Ensino Superior, começamos descrevendo algumas categorias encontradas na literatura e que poderão nos interessar, são elas: ingressante (quem faz a primeira matrícula); aluno (está cursando); concluinte (finalizou a graduação); jubilado (não concluiu no tempo regulamentar); desistente inicial/ingressante (não frequentou, apesar de aprovado); evadido do curso (formalmente ou por abandono, com posterior ingresso em outro curso na mesma IES); evadido da Instituição (formalmente ou não, com posterior ingresso em outra IES); e evadido do Ensino Superior (não volta à educação superior) (ANDIFES; ABRUEM; SESU/MEC, 1996).

Ainda há muito a ser conhecido e estudado, mas já temos uma literatura nacional sobre o tema, embora geralmente seja resultado de estudos locais ou acerca de cursos ou aspectos específicos. Aqui, sem desconsiderar estudos internacionais, buscamos conhecimentos e práticas produzidos para/no Brasil, na Bahia, na UNEB e no *Campus*. Assim, aspectos do *corpus* constituído nesta iniciativa serão mencionados, analisados e articulados, pela perspectiva de nos prepararmos para, no futuro, desconhecer um pouco menos a realidade objetiva a nosso alcance.



2. A trajetória da formação superior: um processo complexo

Tendo foco no ingresso-permanência no Ensino Superior, começamos descrevendo algumas categorias encontradas na literatura e que poderão nos interessar, são elas: ingressante (quem faz a primeira matrícula); aluno (está cursando); concluinte (finalizou a graduação, seja no tempo mínimo previsto, ou não); jubilado (não concluiu no tempo regulamentar); desistente inicial/ingressante (não frequentou, apesar de aprovado); evadido do curso (formalmente ou por abandono, com posterior ingresso em outro curso na mesma IES); evadido da Instituição (formalmente ou não, com posterior ingresso em outra IES); e evadido do Ensino Superior (não volta à educação superior) (COIMBRA, SILVA e COSTA, 2021; BRANCO, 2020; MARQUES, 2020; SCHWERZ, 2020; SANTOS BAGGI e LOPES, 2011; ANDIFES; ABRUEM; SESU/MEC, 1996).

3. Definições de evasão do ensino superior.

Embora se possa compreender o fenômeno da evasão e traçar formas de calculá-lo de diferentes modos e perspectivas, nossa intenção foi trazer esta riqueza de interpretações, de modo a encontrar as que melhor contribuam com nossa realidade. Assim, consideraremos as colocações da literatura consultada, bem como as informações disponibilizadas pelo Censo da Educação Superior e pela Universidade do Estado da Bahia, para desenharmos estratégias para ouvir a comunidade acadêmica e promover o diálogo entre seus membros.

A Comissão Especial de Estudos sobre Evasão, em publicação de 1996, trouxe a seguinte caracterização:

- evasão de curso: quando o estudante desliga-se do curso superior em situações diversas tais como: abandono (deixa de matricular-se), desistência (oficial), transferência ou reopção (mudança de curso), exclusão por norma institucional;
- evasão da instituição: quando o estudante desliga-se da instituição na qual está matriculado;
- evasão do sistema: quando o estudante abandona de forma definitiva ou temporária o ensino superior (ANDIFES; ABRUEM; SESU/MEC, 1996, *online*, s/n).

Esta publicação destaca três métodos de mensurar a evasão: “tempo-médio”; “quase-fluxo”; e “método de fluxo” (longitudinal). A evasão por tempo-médio é calculada utilizando-se o total de vagas preenchidas (NVPv) “nos anos correspondentes ao tempo médio de conclusão do curso [...e o] número de alunos vinculados nos anos correspondentes a esse tempo médio” (idem, s/n). O método quase-fluxo compara o número de vagas preenchidas por ingressantes e “o número de alunos vinculados em cada ano do tempo médio do curso, método semelhante ao adotado pelo MEC” (idem, s/n).

O método de fluxo (“série histórica”) visa acompanhar os estudantes ao longo do tempo regulamentar para integralização dos cursos, observa o total de ingressantes num curso ou instituição, em um ano, específicos, e acompanha este número até “o prazo máximo de integralização curricular do referido curso” ou instituição (idem, s/n). Ou seja, busca identificar a evasão por “geração completa”, segundo o total de ingressantes (N_i) num “ano-base”, o de diplomados (N_d), o número de evadidos (N_e) e o de retidos (N_r), considerando o tempo máximo regulamentar para concluir o curso. “São identificados como evadidos do curso os alunos que não se diplomaram neste período” (idem, s/n), segundo a seguinte cálculo da porcentagem de evasão:

$$\% \text{Evasão} = \frac{(N_i - N_d - N_r) \times 100}{N_i}$$

A literatura sugere diversas formas de ‘medir’ a evasão, que se relacionam a diferentes ‘medidas’ do fenômeno. Por exemplo, se pode avaliar a procura pelo curso, usando as quantidades de matrículas, a cada ano, comparadas com a do período anterior; se interessa a evasão do curso, podemos adotar uma metodologia longitudinal. E o que chamaremos de evasão se relacionará ao objetivo da investigação e dos métodos empregados. Coimbra, Silva e Costa (2021) apresentam um quadro que sintetiza algumas definições de evasão e um outro que lista as respectivas formas de mensurar o fenômeno.

Muitos trabalhos consultados citam diversos “modelos” explicativos para o fenômeno da evasão no ensino superior, considerando-os em conjunto, seja o de Tinto, o de Spady ou o de Astin (DURSO and CUNHA, 2018; CASTRO e TEIXEIRA, 2014), observa-se que diversas



“dimensões” da vida chamam atenção quando se busca explicar o como e o porquê se desiste da árdua conquista de ‘entrar na faculdade’ (BRANCO, 2020; ARMIJO; ZÁRATE y CARVAJAL, 2019; BARROS, 2015; et al.), portanto, o que deverá ser levado em consideração, quando se trabalha em prol da permanência e conclusão do ensino superior, dependerá da escuta atenta e sensível às vivências acadêmicas singulares, reais.

Para nosso estudo, mais que “olhar” os números de evasão e conclusão, interessa buscar oferecer as melhores condições que pudermos para que a vivência acadêmica seja positiva, seja boa, para discentes, docentes, servidores/as e gestores/as. Incluindo o que ficou fora do *corpus*, centenas de trabalhos foram produzidos, no mundo todo, vários – inclusive – apontando que trabalhavam não para elucidar a evasão, mas, sim, em prol da permanência na formação superior.

As obras que consultamos relembram o que justifica todo este esforço: conter o desperdício de recursos, humanos e financeiros, gerado pela evasão, que atingem instituições, governos e pessoas (COIMBRA, SILVA e COSTA, 2021; BARROS, 2015). Pois, os evadidos e suas famílias, além de perdas econômicas, sofrem com efeitos subjetivos, culturais e sociais (CESPEDES et al., 2021). Em função da interrupção do processo de formação superior, instituições, governos, sociedades, profissionais e alunos (quem evade e os que não puderam entrar), sofrem prejuízos de várias naturezas (CASTRO e TEIXEIRA, 2013; SANTOS BAGGI e LOPES, 2011).

O processo acadêmico interrompido

é visto como significativo e crítico tanto no âmbito público, quanto privado, uma vez que implica em perda de receita e desperdício de investimento em infraestrutura [...], em recursos humanos (corpo docente e técnico administrativo ocioso para atender a demanda residual e não a demanda inicialmente planejada), etc. Mas nada supera a insatisfação ou desgaste emocional dos alunos que, pretensamente “incluídos”, terminam por serem expulsos do sistema, muitas vezes pela ausência de gestão no acompanhamento da sua vida escolar, tornando o sistema incompetente em retê-los, com sucesso no curso com o qual sonharam ou tiveram acesso (BRANCO, 2020, p. 54-55).

Ainda, segundo Marques, “não se encontram, tanto na literatura nacional quanto na internacional, estudos que avaliem o perfil dos alunos que voltam a estudar após a evasão de um curso superior” (2020, p. 1064). Por outro lado,

Via de regra, são enfatizadas as formas e negligenciadas as razões que animam o desligamento. A razão da evasão, crê-se, só poderia ser extraída de levantamentos com egressos, que quase nunca aparecem para subsidiar as reflexões do campo (COIMBRA, SILVA e COSTA, 2021, p. 3).

Contudo, acreditamos que o acompanhamento dos estudantes e a disponibilidade em ouvi-los seja mais importante que investigar as razões que levaram à desistência, através de um questionário anônimo e sigiloso, que poucos evadidos iriam responder.

Os processos que realizam as vivências acadêmicas singulares são complexos e multidimensionais. Entre outras contribuições, este estudo ampliou horizontes e expôs a necessidade de compreendermos os processos que realizam as vivências acadêmicas singulares. Processos que, do nosso ponto de vista, devem – preferencialmente – favorecer o desenvolvimento pessoal e vocacional e promover a permanência no Ensino Superior.

4. Os complexos processos singulares da vivência acadêmica: pela permanência no ensino superior.

Traremos um breve resumo das causas, motivos ou influências que levam à evasão e foram mencionados pela literatura consultada. A qual aponta ser possível identificar uma diferença entre o que é evasão, como resultado de uma escolha do aluno, dadas suas condições subjetivas e objetivas de vida, e o que seria exclusão como reflexo de responsabilidades do sistema político-econômico e da Cultura de cada país em que as IES realizam seu trabalho (COIMBRA, SILVA e COSTA, 2021; BRANCO, 2020; ARMIJO; ZÁRATE y CARVAJAL, 2019). Do nosso ponto de vista, há uma interdependência entre as vivências acadêmicas singulares e a vida social e econômica mais ampla, bem como, com as concepções e práticas realizadas nas IES, em cada sala de aulas.

O modelo de Tinto de 1975, muito citado pela literatura na área como marco nestes estudos, traça uma compreensão interacional entre contextos pessoais e a vivência acadêmica, que impactariam a integração ao contexto da formação superior, e se relacionam com a decisão da desistência (BARROS, 2015; CASTRO e TEIXEIRA, 2014). Estes fatores, digamos,



personais, tiveram sua compreensão ampliada e complexificada, sendo incluídas às condições econômicas, psicológicas e de formação escolar, individuais, aspectos relacionados à logística (ir e vir das salas de aulas); às interações interpessoais, na academia (SOARES, ALMEIDA e FERREIRA, 2006); aos eventos familiares e culturais (MATTA, LEBRÃO e HELENO, 2017). Assim, se compreende que aspectos psicológicos são vividos em contextos objetivos, culturais, sociais e institucionais e que os processos que se dão na vivência acadêmica trazem em si significações que são anteriores ao ingresso no ensino superior; por exemplo, encontramos menção à ideia de processos vocacionais e da devida atenção a eles, pois estão entre os listados como podendo ocasionar “o baixo nível de motivação e compromisso com o curso” (COIMBRA, SILVA COSTA, 2021, p. 10).

Elaboramos um apanhado com algumas das observações de diferentes autores, por vezes, repetindo o que já dissemos até aqui. São obras que recorreram à literatura; a investidas a campo; e/ou a análises documentais para buscar entendimentos e/ou para elaborar instrumentos de pesquisa junto a discentes e egressos, bem como a professores, gestores e outros personagens relacionados (DIOGO *et. al.*, 2016). Esforços diversos permitem arrolar várias causas ou motivações da evasão do ensino superior. Sendo que nem sempre a saída de um curso ou instituição significa o não prosseguimento da formação superior, que pode se dar em outro lugar. Pois, “mais de 50% dos alunos evadidos do ensino superior voltam a estudar em algum momento” (MARQUES, 2020, p. 1074).

O desenvolvimento de pesquisas em torno do que leva à evasão da universidade, para além de definir e quantificar o fenômeno; sugerem que tanto a dimensão singular das vivências dos sujeitos, quanto as sociedades e instituições podem contribuir para o abandono da formação superior.

Esforços diversos permitem arrolar várias causas ou motivações da evasão do ensino superior, ou melhor, ajudará a estarmos atentos às vivências acadêmicas. Entre as possíveis causas dos trajetos que levam à evasão estão: “fatores de ordem financeira, de ajustamento ao curso e/ou à universidade, educacional [...] e, ainda, o fator da dedicação” (CAMPOS e BARDAGI, 2020, p. 3). Bem como aspectos

a) relacionados à vida pessoal ou familiar do estudante; b) os aspectos relacionados à escolha do curso, expectativas progressas ao ingresso, nível de satisfação com o curso

e com a universidade; c) os aspectos interpessoais – dificuldades de relacionamento com colegas e docentes; d) os aspectos relacionados com o desempenho nas disciplinas e tarefas acadêmicas – índices de aprovação, reprovação e repetência; e) os aspectos sociais, como o baixo prestígio social do curso, da profissão e da universidade elegida; f) a incompatibilidade entre os horários de estudos com as demais atividades, como, por exemplo, o trabalho; g) os aspectos familiares como, por exemplo, responsabilidades com filhos e dependentes, apoio familiar quanto aos estudos etc.; e h) o baixo nível de motivação e compromisso com o curso (COIMBRA, SILVA e COSTA, 2021, p. 9-10).

Costa, Bispo, and Pereira dizem que “foi constatado que variáveis relativas à idade no ingresso, estado civil, raça e natureza da escola de educação básica (pública ou privada) não demonstraram influência no tempo de conclusão ou evasão (2018, p. 74). Porém, Granado et al. (2005) encontraram diferença tangível no que se refere a gênero, sugerindo uma maior atenção para a vivência acadêmica de homens, pois mais propensos a não concluir. Da mesma forma, dificuldades para conciliar trabalho e estudo dificultam a vivência acadêmica (CESPEDES et al., 2021), no contexto do “modelo neoliberal aplicado a la educación superior” – no Chile, o alunado das classes com menor renda familiar seriam os mais atingidos, o que provavelmente se replica no Brasil e nossas universidades públicas (ARMIJO; ZÁRATE y CARVAJAL, 2019, p. 7). Por outro lado, Santos Baggi e Lopes sugerem atenção aos processos vocacionais, às “questões de ordem acadêmica” (2011, p. 356), tanto quanto à aspectos econômicos. Pois, a “falta de orientação vocacional, imaturidade do estudante, reprovações sucessivas, [...] ausência de laços afetivos na universidade” (Ibid, p. 358) pesam na decisão de permanecer ou não.

Sendo que podemos incluir o “mau relacionamento professor/aluno” (BARDAGI e HUTZ, 2009, p. 96) entre tais questões de ordem acadêmica; assim como “o baixo comportamento exploratório em relação ao curso e à profissão [que] tem sido apontado em diversos estudos como fator de evasão” (CASTRO e TEIXEIRA, 2014, p. 15).

Repete-se a constatação de que é um fenômeno complexo e que pode resultar de fatores de diferentes ordens ou, mais provavelmente, da associação entre estes, sendo mais viável compreender a vivência acadêmica singular como processual e, então, intervir, estando mais próximo do acontecimento de significações e ações, promovendo o diálogo – condições para que os estudantes se expressem e recorram à instituição. Ao invés de buscar as motivações dos



que evadiram, depois do fato consumado, podemos estar a par do que está sendo vivido pelos estudantes. A instituição chama atenção da comunidade para o tema vivência acadêmica e alguns profissionais e estudantes ou egressos se prepararam para dialogar sobre questões relacionadas, de forma sistemática, a cada início de semestre, e também se preparam para serem acolhedores a manifestações espontâneas de aluno(s) e aluna(s) que queriam compartilhar aspectos de sua vivência acadêmica. Uma postura profissional que diga aos estudantes: você pode falar comigo e vou te ouvir.

O que leva à evasão do ensino superior tem início muito antes da escolha de ingressar nele, imbrica-se em todo o processo de constituição do sujeito, o qual é vivido e significado singularmente, de forma contextualizada no tempo e no espaço, sendo mediado pelo repertório de significados e práticas a que cada um(a) teve acesso, mediadas pelo Outro (que também tem suas condições objetivas e subjetivas). Ou seja, ingressar e permanecer no ensino superior, mesmo mudando de curso ou instituição, é gestado nos compartilhamentos de significados realizados na presença física ou não dos interlocutores (BAKHTIN, 1993; 2006; VYGOTSKY, 1989; 1992), que compartilham o *Campus* universitário, as salas de aulas ou *apps*. O(a) estudante não está só, nesta trajetória, pode dispor de escuta adequada e de interlocutores qualificados e comprometidos.

Segundo os estudos bibliográficos de Campos e Bardagi (2020), a idealização acerca da faculdade ou mesmo da cidade, sendo frustrada pela experiência, pode levar à evasão, do mesmo jeito, que o desconhecimento sobre a profissão o pode fazer (SCHWERZ, 2020; CASTRO e TEIXEIRA, 2013; BARDAGI e HUTZ, 2009). Aspectos que se relacionam com a formação e com o repertório cultural a que os sujeitos tiveram/têm acesso, nos momentos de escolhas/decisões. A vivência singular se relaciona com o que a sociedade lhe oferece, incluindo o sistema educacional, de um modo geral.

No entanto, os processos vocacionais e os acadêmicos também têm a ver com resiliência, disciplina, preparo para mudanças etc., coisas, digamos, pessoais, que podem ser vistas como habilidades e competências a desenvolver, com apoio, em diálogo com membros da comunidade acadêmica. Ou seja, a atenção à formação dos sujeitos, aos processos vocacionais e às possibilidades de os sujeitos lerem a si mesmos e ao mundo à sua volta, pode resultar em permanência e conclusão. As famílias, os amigos, os bens culturais (mediações

semióticas, valores, costumes etc.) e bens materiais (*hardware*, por exemplo) participam na produção das vivências singulares e das maneiras como cada um lida consigo e com o entorno, com o presente, o futuro e o que é memória. Segundo Lima e Massi, ao longo de toda sua vida, os humanos se apropriam de “um patrimônio de disposições e competências irreduzível a qualquer origem social (2015, p. 563).

Sem dúvida, condições concretas de existência têm seus efeitos no que os sujeitos vivem em relação à formação superior (SACCARO; FRANÇA e JACINTO 2019). A abertura política do país e a ampliação da rede de ensino superior, com criação de cotas para oriundos(as) das escolas públicas, entre outros, fizeram que um direito de todos, a educação, passasse de fato a oferecer maiores oportunidades de acesso, em todos os níveis de formação, tornando ainda mais evidente que a permanência se beneficia de efetiva ajuda de custo (CAMPOS e BARDAGI, 2020; SACCARO; FRANÇA e JACINTO, 2019). Contudo, o “fator econômico” é um entre os possíveis elementos que podem afetar a vivência acadêmica, portanto, é preciso estar atento aos comportamentos dos estudantes, desenvolvendo uma teia social de sensores a sinais de alerta e uma postura que acolha a expressão de possíveis estressores, quando de sua ocorrência.

A vivência acadêmica é mediada por bens culturais ou materiais, que extrapolam os planos das disciplinas e sua bibliografia, neste sentido, o trabalho docente deve partir do que o sujeito tem a expressar sobre seu ‘saber-fazer faculdade’; pois, o que nos cerca condiciona algo das reações e significações, assim como de decisões ou de ações planejadas (ALMEIDA, *et. al.* 2005).

A literatura consultada, partindo de perspectivas diferentes, trouxe autores(as) que olharam para ‘partes’ diversas do fenômeno e mostraram diferentes respostas, todas merecedoras de nosso estudo, dada a complexidade do existir singular da vivência acadêmica e a intenção de agir em favor da permanência e da qualidade da formação.

O conjunto dos estudos acessados faz compreender que a vivência acadêmica é um processo multidimensional, sofre influências várias, sejam das macropolíticas e macroestruturas econômicas, sociais e histórico-culturais; seja do que acontece nas relações ‘locais’, na intimidade, no cotidiano de cada um(a). Compreendendo que não se trata de algo pessoal, interno, biológico, inato, mas algo singular, de cada sujeito que se constitui humano



significando a si e suas possibilidades, no mundo cultural, social e histórico em que vive (VYGOSTKY, 1989; PINO, 2005).

Assim, tanto nos interessam as dimensões maiores da sociedade, quanto a vivência imediata, singular do alunado, para tal é preciso uma aproximação conquistada e que permita ao(a) estudante tomar a palavra e falar sobre o que se passa com ele(a).

O combate da evasão começa pelo trabalho de acompanhamento e orientação no processo de transição que ocorre ao se ingressar no ensino superior, a literatura chama atenção para o período (MATTA, LEBRÃO e HELENO, 2017; SOARES, ALMEIDA e FERREIRA, 2006; et al.). O primeiro ano de curso tende a apresentar maior proporção de evasão, isto pode se dar pelo processo vocacional anterior ou pelo fato de o acesso ao ensino superior prevalecer sobre a escolha do curso, quando do ingresso, ou por outras circunstâncias causadoras de *stress* (GRANADO et al., 2005). De toda forma, em função desse período de transição, algumas experiências podem tomar proporções que dificultam o engajamento nas atividades acadêmicas.

Nesta fase inicial, se está mais vulnerável ainda ao efeito das causas possíveis da evasão, anteriormente listadas. Contudo, a própria transição em si merece atenção, pois inclui, entre outros: a adaptação à universidade, suas práticas e protocolos; o desenvolvimento de autonomia e responsabilidade (CESPEDES et al., 2021); as expectativas de cada um sobre o curso e a profissão (SANTOS BAGGI e LOPES, 2011); sobre seu desempenho e rendimento; expectativas acerca das relações interpessoais, na comunidade acadêmica (MATTA, LEBRÃO e HELENO, 2017). Nesta direção, o acolhimento de cada aluno ou aluna, merece a atenção da Instituição e seus profissionais (COIMBRA, SILVA e COSTA, 2021; DIOGO *et.al*, 2016).

5. Universidades e permanência: o *Campus XVIII* e a vivência acadêmica.

A Semana de Integração e Acolhimento da Universidade do Estado da Bahia – uma entre várias ações implementadas pela UNEB em prol da inclusão e da permanência – convida a toda a comunidade unebiana a congregar e propõe uma semana de diversas atividades a serem desenvolvidas em cada departamento. Isto de modo a apresentar a Universidade, o Departamento, os Cursos e os diferentes setores e profissionais que compõem os quadros, procedimentos e possibilidades do departamento e da Universidade. Também realizada na

forma remota e incluindo atividades da gestão central, esta ação coloca os alunos em contato uns com os outros, fortalece laços entre veteranos e os favorece entre estes e novatos, e inicia a interação com os profissionais e seus setores de trabalho. De modo geral, mesmo na versão remota do período de exceção de pandemia, a Semana de Acolhimento da UNEB foi momento de reencontro para a comunidade de nosso Departamento e para receber novos membros.

As atividades desta ação visam acolher e orientar sobre os regulamentos da universidade e dos cursos (por exemplo: sobre requisitos para integralização curricular ou as possibilidades e obrigatoriedade de atividades extraclasse); e sobre as políticas de permanência da UNEB e do Estado, enquanto promove socialização. Esta ação de recepção do alunado, provavelmente, contribui para passar pela adaptação à comunidade acadêmica e aos procedimentos exigidos, bem como, para apresentar às possibilidades oferecidas pela vida universitária. As diversas falas elucidativas das novidades que vêm com o ingresso na universidade ou com a progressão dos semestres, contribuem para a aproximação, desde o começo deste caminho, com aqueles que acompanharão esta jornada, que estarão lá quando for necessário.

A UNEB é única e é clara sua missão de tornar o ensino superior acessível, espalhada em 24 cidades-sede pelo vasto estado da Bahia, fez a universidade chegar aos interiores e ampliar seu público, ao oferecer acesso a quem não o teria sem a presença do *Campus* da UNEB, em sua cidade ou cidade próxima. O acesso geográfico é, sem dúvida, um elemento importante, igualmente como são outras ações e concepções resultantes das políticas afirmativas historicamente assumidas por esta Universidade, para realizar o acesso e a permanência, oferecendo suporte à vivência acadêmica.

Neste cenário, alcançar o objetivo da integração entre os membros da comunidade acadêmica, num ambiente acolhedor (virtual ou presencial), pode se beneficiar da existência de um grupo composto por profissionais, veteranos e egressos que, preparado para encontros regulares com o alunado, também pudesse ouvir as demandas espontâneas, que estivesse disponível a tomar ciência do que afeta as vivências acadêmicas em tempo real, digamos assim. Partindo, principalmente, da voz dos discentes para construir a narrativa da formação singular de cada um e contando com apoio especializado, para o caso das necessidades de um/a discente



extrapolarem o escopo dos objetivos deste grupo, se poderia recorrer a outros setores da Universidade. Contribuindo para que os alunos desenvolvam disciplina, comportamento exploratório (organização de estratégias/métodos de estudo) e o sentimento de pertencimento – pois, segundo a literatura consultada, a escolha do curso e da instituição nem sempre é baseada em afinidade vocacional (COIMBRA, SILVA e COSTA, 2021; MATTA, LEBRÃO e HELENO, 2017; CASTRO e TEIXEIRA, 2014).

Somos conduzidos aos processos vocacionais e aos de escolha vividos pelo público que vê o *Campus* como uma alternativa viável para ingressar no ensino superior. O diálogo sobre os condicionantes e objetivos que trouxeram ao curso, pode ser valioso para o desenvolvimento vocacional e o planejamento profissional – no mínimo, ao organizar em discurso o que está vivendo, o sujeito pode começar a “clarear as ideias”.

Ouvir o alunado ajudaria a desconhecer um pouco menos a população à nossa volta e ofereceria possibilidades a serem incorporadas na elaboração de ações de acesso e permanência (SCHWERZ *et. al.*, 2020, CAMPOS e BARDAGI, 2020; SACCARO; FRANÇA e JACINTO, 2019; SANTOS BAGGI e LOPES, 2011).

Com vistas à permanência no ensino superior, é prudente ter em conta a influência de possíveis diversos fatores a limitar as possibilidades do alunado, como os citados na bibliografia consultada, e iniciar diálogos sobre o tema. Todavia, este deve ser um trabalho de escuta, em que profissionais, veteranos ou egressos estão atentos e disponíveis para ouvir sobre o que está influenciando a formação, quando se fizer necessário.

A comunidade acadêmica deve ser informada sobre alguns fatores sociais e culturais, prévios e atuais, externos ou internos às instituições, sobre questões objetivas e subjetivas, estruturais ou pessoais, que podem afetar a vivência acadêmica, contudo, são aqueles e aquelas que estão vivendo o ensino superior que devem tomar a palavra e, tendo suas vozes ouvidas e reconhecidas, pautar os diálogos com os profissionais ou colegas.

É oportuno que se acompanhe os momentos de maiores dificuldades, graças a um clima relacional que estimule a expressão espontânea dos/das discentes.

Se todo o vivido constitui os processos de apropriação do repertório que possibilitam significações e ações, e diversas pessoas das vidas dos estudantes podem mostrar apoio e solidariedade e também podem oferecer mediações e significados ao “estar no ensino superior”,

“neste curso” etc. Os livros ou as séries *online*, os amigos ou aquela pessoa que marcou como exemplo profissional podem se fazer presentes no acontecimento atual de ressignificação da formação superior – o/a professor/a é fundamental. Enfim, a comunidade acadêmica é um dos possíveis elementos a atuar nas formas de ver e enxergar a si e ao mundo, a compor os complexos processos de ressignificação do saber-fazer acadêmico.

Nesta direção, sabemos que o diálogo facilita a identificação do que está afligindo, aqui e agora, portanto, agiliza a busca por elementos ou recursos relacionados ao que foi posto em questão. Por outro lado, proporciona ao estudante, como autor e interlocutor do diálogo, o reconhecimento de sua voz, de sua singularidade (BAKHTIN, 1993; 2006) – algo possível somente numa relação simétrica entre os sujeitos, quando suas posições os colocam como pares no que se refere ao direito à palavra e a ser ouvido. No ensino dialógico, todos têm direito à palavra e a ser ouvido, não existem posições mais altas ou mais baixas, mais autorizadas ou menos, quando se trata de favorecer ainda mais a apropriação de conteúdos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais futuras e resultados positivos para a permanência.

O importante é que os(as) discentes saibam que não estão sós, que este será o tom das interações na comunidade acadêmica, pois, nestas relações, suas competências e habilidades serão fortalecidas, com a ajuda didática da literatura, dos colegas, de docentes e servidores.

Contudo, para atuar junto ao que possa estar afetando um(a) discente ou turma, em tempo real, é preciso preparar os membros da comunidade acadêmica, pois será um diálogo específico. Diretrizes pedagógicas e institucionais devem fundamentar o aporte teórico-metodológico a ser desenhado e realizado, assim como dados e informações acerca do alunado, dos egressos, dos desistentes, do entorno do *Campus* e da instituição trarão coordenadas para caracterizar e definir a composição dos grupos de acolhimento e as atividades que podem ser desenvolvidas. Pois, limites profissionais e pessoais devem ser respeitados.

A compreensão e reconhecimento da complexidade da vivência acadêmica e do fato que o alvo é a permanência fizeram lembrar que o diálogo deve ser sempre possível e é uma forma efetiva de estar presente na formação de cada estudante, para acompanhar da melhor forma possível.



Referências

ALMEIDA, L.S.; GRANADO, J.I.; GUISANDE, M.A.; SANTOS, A.A.A.; SOARES, A.P. Integração Acadêmica de Estudantes Universitários: contributos para a adaptação e validação do QVA-*r* no Brasil. **Psicologia e Educação**. v. 4, p. 33-43, 2005.

ANDIFES; SESU/MEC; ABRUEM. **Diplomação, Retenção e Evasão nos Cursos de Graduação em Instituições de Ensino Superior Públicas**: Comissão Especial de Estudos sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras. Brasília, DF: [s. n.], 1996. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/Diplomacao_Retencao_Evasao_Graduacao_em_IES_Publicas-1996.pdf

ARMIJO, P. C.; CARVAJAL C. M. y ZÁRATE, T. M. Evaluación de un programa de apoyo psico-social en torno a los conceptos de persistencia y retención universitaria. **Revista Brasileira de Educação [online]**. v. 24., 2019.

AVILA, A. H. In: Silva, G. J.; Soares, L.; Mascarenhas, V.; Santos, J. C. (org.). **Estudos Culturais: diálogos entre cultura e educação**. 1 ed. Jundiaí: Paco Editora, p. 314-320, 2018.

AVILA, A. H. **Anais [do] /II Simpósio de Integração: ensino, pesquisa e extensão: demandas contemporâneas da tríade acadêmica do Campus XVIII da UNEB**, Eunápolis, 05 a 07 de novembro de 2014 – Salvador: EDUNEB, p. 333, 2015.

AVILA, A. H. et. al. In: **V TALLER INTERNACIONAL DE PEDAGOGÍA DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR. CD-ROM; Memorias; Universidad 2006**. Havana, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12 ed. Tradução de Lahud, M; Vieira, Y.F. São Paulo: Hucitec (original publicado em 1929), 2006.

BAKHTIN, Mikhail. "Para uma filosofia do ato". Tradução inédita, ainda não revisada, destinada exclusivamente a uso didático e acadêmico, de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza do texto completo da edição americana **Toward a Philosophy of the Act** (Austin: University of Texas Press, 1993).

BARBOSA, A.M.; CARNEIRO, B.P.B.; NOVAES, I.L. Avaliação da evasão nos cursos de graduação de oferta regular da UNEB. **Braz. Ap. Sci. Rev.**, Curitiba, v. 2, n. 7, Edição Especial, p. 2453-2464, 2018.

BARDAGI, M.P. e HUTZ, C.S. "Não havia outra saída": percepções de alunos evadidos sobre o abandono do curso superior. **Psico-USF [online]**. v. 14, n. 1, p. 95-105, 2009.

BARROS, A.P. **Permanência universitária e direitos humanos: um olhar sobre as políticas de permanência estudantil na continuidade da vida acadêmica na UNEB**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Área de Concentração I – Gestão da Educação e Redes Sociais) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

BRANCO, U.V.C. Ensino superior público e privado na Paraíba nos últimos 15 anos: reflexões sobre o acesso, a permanência e a conclusão. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas) [online]**. v. 25, n. 01, p. 52-72, 2020.



- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2020**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep. [online], 2022.
- CAMPOS, C.A. e BARDAGI, M.P. A Evasão nos Cursos de Psicologia no Brasil: uma revisão da literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. v. 40., 2020.
- CASTRO, A.K.S.S. e TEIXEIRA, M.A.P. A evasão em um curso de psicologia: uma análise qualitativa. **Psicologia em Estudo**. v. 18, n. 2, p. 199-209, 2013.
- CASTRO, A.K.S.S. e TEIXEIRA, M.A.P. Evasão universitária: modelos teóricos internacionais e o panorama das pesquisas no Brasil. **Psicologia Argumento**. v. 32, p. 9-17, 2014.
- CESPEDES, J.G.; MINHOTO, M.A.P.; ROSA, A.S.; OLIVEIRA, S.C.P. Avaliação de impacto do Programa de Permanência Estudantil da Universidade Federal de São Paulo. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2021.
- COIMBRA, C.L.; SILVA, L.B.; COSTA, N.C.D. A evasão na educação superior: definições e trajetórias. **Educação e Pesquisa** [online], v. 47, 2021.
- COSTA, F.J.; BISPO, M.S.; PEREIRA, R.C.F. Dropout and retention of undergraduate students in management: a study at a Brazilian Federal University. **RAUSP Management Journal** [online]. v. 53, n. 1, p. 74-85, 2018.
- DIOGO, M.F.; RAYMUNDO, L.S.; WILHELM, F.A.; ANDRADE, S.P.C.; LORENZO, F.M.; ROST, F.T; BARDAGI, M.P.; Percepções de coordenadores de curso superior sobre evasão, reprovações e estratégias preventivas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas) [online]. v. 21, n. 1, p. 125-151, 2016.
- DURSO, S.O. and CUNHA, J.V.A. Determinant Factors for Undergraduate Student's Dropout in an Accounting Studies Department of a Brazilian Public University. **Educação em Revista** [online]. v. 34, 2018.
- LIMA, P. e MASSI, L. Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. **Ciência & Educação** (Bauru) [online]. v. 21, n. 3, p. 559-574, 2015.
- MARQUES, F.T. A Volta aos Estudos dos Alunos Evadidos do Ensino Superior Brasileiro. **Cadernos de Pesquisa** [online]. v. 50, n. 178, p. 1061-1077, 2020.
- MATTA, C.M.B.; LEBRÃO, S.M.G.; HELENO, M.G.V. Adaptação, rendimento, evasão e vivências acadêmicas no ensino superior: revisão da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. v. 21, n. 3, p. 583-591, 2017.
- OLIVEIRA, B.; GUIMARÃES, L.J.; SANTANA, T.N.P. O Caminho para a Redução da Evasão de Estudantes nas Instituições de Ensino Superior. **Revista Humanidades e Inovação**. v.6, n.18, p. 155-164, 2019.
- PINO, A. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotski. São Paulo: Cortez, 2005.



SACCARO, A.; FRANÇA, M.T.A.; JACINTO, P.A. Fatores Associados à Evasão no Ensino Superior Brasileiro: um estudo de análise de sobrevivência para os cursos das áreas de Ciência, Matemática e Computação e de Engenharia, Produção e Construção em instituições públicas e privadas. **Estudos Econômicos** (São Paulo) [online]. v. 49, n. 2, p. 337-373, 2019.

SANTOS BAGGI, C. A. D.; LOPES, D. A.. Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 16, n. 2, p. 355–374, jul. 2011.

SCHWERZ, R.C.; DEIMLING, C.V.; DEIMLING, N.N.M.; SILVA, D.C. Considerações sobre os indicadores de formação docente no Brasil1. **Pro-Posições** [online]. v. 31, 2020.

SOARES, A.P.; ALMEIDA, L.S.; FERREIRA, J.A. **Questionário de Vivências Acadêmicas**: versão integral (qva) e versão reduzida (qva-r). In: SIMÕES, M. R. [et al.], coord. – “Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa.” Coimbra: Quarteto. 2006, v. 1, p. 101-120.

VYGOTSKI, L. S. Pensamiento y palabra. **Obras Escogidas II**. Madrid: Visor Distribuciones. 1992, p. 287-348.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Tradução José Cipolla Neto; Luis Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes. 3. ed. 1989.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 20 de setembro de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 07 de junho de 2023.